

ROSAE
I Congresso Internacional de Linguística Histórica
Homenagem a Rosa Virgínia Mattos e Silva

26 - 29 de julho de 2009
Salvador – Bahia – Brasil

À minha amiga Rosa Virgínia, ofereço um coração cheio de rosas
(epígrafe criada especialmente para este texto).

Introdução

A Rosa Virgínia escreveu um dia um texto que me era dirigido com o seguinte título: “Em 1967, um encontro para sempre (evocação de uma amizade que se fez no estudo da Linguística)”. Este título comove-me pelas lembranças que me traz, cheias de ternura. Não é uma epígrafe, de que a Rosa tanto gosta, mas é uma carta de amor. E eu, que não tenho jeito para epígrafes mas que gosto de aforismos, só posso dizer neste começo de conversa: amor com amor se paga. É por isso que aqui estou a falar dela e da sua postura séria e tranquila, e de um pedacinho da sua obra. A nossa combinação, para que não cantássemos os mesmos louvores, foi a de que eu ficaria incumbida do português arcaico e o Prof. Ataliba se encarregaria do português brasileiro. Compreende-se porque aqui sou eu a mais longeva - ainda que não propriamente medieval – e o Prof. Ataliba, o especialista do falar culto do Brasil, que, portanto, fará jus às incursões da Rosa Virgínia no português brasileiro – e não só no culto já que “o português são dois”.

Falar da majestosa obra da Rosa Virgínia sobre o português medieval não é fácil, sobretudo quando o tempo é curto e quando todos queremos mostrar como a apreciamos e como sabemos louvá-la. Além disso, e apesar da nossa combinação, não poderei falar da Rosa Virgínia sem referir uma característica que julgo que a distingue e singulariza: a relação estreita que tem estabelecido ao longo da vida entre a pesquisa linguística e um real espírito de cidadania. Quero, portanto, consagrar os minutos finais deste texto para pôr em relevo a excelência das suas posições quando argumenta e defende aquilo em que acredita – e várias foram as situações em que sentimos a força discreta desta mulher admirável. Mas primeiro olhemos para os segredos da história do português antigo que ela nos desvenda.

O estudo da antiga língua

“Ouvir o inaudível” foi o caminho que a Rosa se propôs percorrer. E o inaudível da língua portuguesa começa bem lá atrás. Para a Rosa Virgínia, iniciou-se com o *Segundo Livro dos Diálogos de S. Gregório* (séc. XIV, inícios do XV), um dos três mais antigos documentos medievais escritos em língua portuguesa existentes no Brasil. A edição crítica desse antigo documento constituiu a sua tese de Mestrado. Foi isso em 1965, no ano em que Rosa Virgínia e os seus colegas foram afastados da Universidade de Brasília pela ditadura sequente ao golpe militar de 64. Este abandono forçado destruiu um projeto de esperança e de seriedade científica construído por alguns espíritos para quem a utopia era possível. Para a Rosa, a esperança situava-se então na possibilidade de existência de uma universidade livre, e a seriedade científica, no estudo do antigo português.

Foi após esse desmembramento que a Rosa Virgínia passou dois anos em Portugal, e foi nessa época que tivemos a alegria de nos conhecermos. Ao lado de Luís Lindley Cintra, um maravilhoso mestre que transformava em poema qualquer edição crítica, um mestre a cujo encanto ninguém podia fugir (como eu própria não fugi), Rosa Virgínia voltou aos Diálogos de S. Gregório – não já apenas o segundo, mas os quatro na sua versão mais antiga – e dessa investigação emergiu uma tese de doutoramento.

Mas porquê estudar o nascimento de uma língua e os seus antigos passos? Vivendo nós numa época em que as opções exigem uma justificação prática, para quê remontar a uma escrita com mais de 600 anos e procurar nela fragmentos do português falado? No início da segunda edição do *Português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*, Rosa Virgínia faz a mesma pergunta e a ela responde, consolidando assim a sua opção diante de espíritos menos convictos da importância da história. Existem, sim, várias motivações para perscrutar os tempos antigos. Pegando nas suas próprias palavras, “os dados do passado das línguas podem fornecer argumentos para teorias que têm como objetivo explicações dos mecanismos cognitivos e psicológicos que estão na base de qualquer língua histórica” (R. V. 2006, p 16).

Mas não se trata apenas de motivações externas como esta. As hesitações e as dúvidas do tabelião medieval não são despiciendas para o estudo da língua atual nas suas variedades. Elas são indicações preciosas para compreender a variação de uma língua. Além disso, se olharmos os documentos considerados comumente como os primeiros escritos em português, notamos variações gráficas e morfológicas que não são arbitrárias nem pontuais. Essas variações constituem

fragmentos do esforço do escriba para transmitir aspetos da língua falada que não se compaginavam com a escrita em *latinorromance*. São elas mesmas, ainda que indiretamente, a génese das variedades que o português foi deixando espalhadas em vários continentes à medida que navegava os mares desconhecidos.

A periodização

O estudo do passado de uma língua permite habitualmente estabelecer períodos. Rosa Virgínia trabalhou singularmente os períodos do português e comparou diversas propostas de outros linguistas. O primeiro problema que se põe nesta área, talvez o mais aliciente, consiste em determinar onde começa o português arcaico. Devemos considerar que se começou a desenhar o português no domínio do léxico, como sugere Joseph Piel, na época longínqua próxima do século VI, quando a língua falada no noroeste da Península Ibérica se foi distanciando do latim vulgar? Seguiremos ainda Piel que nos diz que “foi sobre os alicerces deste fundo primitivo (...) que se construiu, com a ajuda de sedimentos novos, (...) o magno edifício do léxico comum Português e Galego”¹. Ou devemos antes procurar um pouco mais do que o léxico, e partir para os factos fonéticos e morfológicos? De caminho podemos caracterizar não só as pequenas bolhas autonómicas surgidas nos escritos a partir do século XII e que permitem falar já de galaico-português, mas fixar também a separação dos gémeos unicelulares galego e português, separação que se foi dando paulatinamente entre os séculos XIII e XVI (segundo Clarinda Maia).

De todos estes aspetos, e ainda da contribuição dos dialetos moçárabes para a construção da língua se tem ocupado Rosa Virgínia. Na segunda edição do seu *Português Arcaico* (2006) tem o cuidado de indicar que o estudo da periodização do passado da língua portuguesa – periodização já definida na primeira edição (1991) e sempre presente nas suas preocupações – a levou a apresentar, em artigo recente, as propostas de doze especialistas, filólogos e/ou linguistas.

Mas se os textos considerados como marcando o limite inicial do período arcaico lhe têm merecido cuidadosa atenção, a investigação que procura caracterizar o seu limite final merece-lhe igualmente um estudo rigoroso. Para esta caracterização têm contribuído as pesquisas dos membros do PROHPOR, programa criado e coordenado pela Rosa Virgínia. Em suma, é porque reconhecemos a exemplaridade dessa investigação, sem limite, dos limites do nosso passado que, quando pretendemos conhecer o que de mais completo e atual se diz sobre a periodização da história do português recorreremos à obra da Rosa Virgínia. Aí encontramos a seleção adequada das referências e a escolha pertinente dos argumentos.

Deixem-me que diga agora duas palavras sobre o PRHOPOR. Este é um programa seminal criado pela Rosa como um estímulo para o estudo da história da língua portuguesa. Trata-se de uma proposta em curso, algo que se propõe para continuar nas mãos dos outros. Não é uma casa acabada mas um edifício em construção. Por isso se chama propor. Por isso foi criado pela Rosa Virgínia. Por isso se integra na sua forma de estar na vida...

Ainda o português arcaico

Volto agora ao português trecentista, a que a Rosa dedicou amor, trabalho, rigor e criatividade. Um acúmulo de virtudes não podia deixar de criar uma constelação de obras de referência. Assim se passa com os vários livros sobre o português arcaico, com os inúmeros artigos sobre a língua portuguesa na mesma época, com as contribuições em congressos, com os cursos e, sobretudo, com aquela magnífica obra de 881 páginas que muitos de nós transportámos com amor através do Atlântico.

Não posso nem de longe aflorar o muito que diz a Rosa Virgínia sobre o português antigo. Lembro-me que, quando passei por estas épocas recuadas (numa época também recuada da minha vida) tinha como fontes de conhecimento os documentos escritos literários e não literários, as afirmações dos gramáticos, as variedades sempre em mudança da língua espalhada pelo mundo. A Rosa tem o mesmo acervo de fontes. O que existe então de especial nesta investigadora do passado da língua portuguesa? O que consegue extrair de singular nos “fragmentos que os percalços da história, do tempo que passa, legaram aos nossos dias”, ou seja, o qualificador remanescente? A singularidade está na frase com que Labov interpretou os estudos diacrónicos ao longo dos séculos: “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”. E essa arte tem-na a Rosa Virgínia.

Mais uma vez afirmo que não poderei ir longe na transmissão dos vários primores desta arte – o que permite, espero, criar nos ouvintes o desejo de atravessarem por si sós essa floresta de mistérios. Mas não consigo omitir uma referência a um dos aspetos mais populares da diferença entre o português europeu e o português brasileiro: a variação no sistema de vogais não acentuadas. Rosa Virgínia trabalhou longamente esta variação. Pode dizer-se mesmo que quem pretender informar-se sobre a proximidade ou distinção já referida pelos nossos primeiros gramáticos, encontra no seu Português Arcaico um quadro completo. E se queremos perceber como Rosa Virgínia infere certos conhecimentos a partir de afirmações dos gramáticos quinhentistas, ouçamos este parágrafo: “Quando afirma [Fernão de Oliveira] no capítulo VIII que ‘temos oito vogais na

nossa língua, mas não temos mais de cinco figuras’ exemplifica todos os casos com vogais em sílaba acentuada, embora não destaque que está tratando de vogais numa determinada posição no vocábulo. Por aí se poderia inferir apenas que talvez não houvesse variação, decorrente da neutralização, na realização das vogais em outras distribuições, já que a percepção aguda do autor não fez destaque para isso. Em outro capítulo, entretanto, o XVIII, trata da ‘comunicação que algumas [letras] têm’ (...) e apresenta logo como exemplo: ‘Das vogais, entre *u* e *o* pequeno [não acentuado] há tanta vizinhança que quase nos confundimos, dizendo uns *somir* e outros *sumir* e *dormir* ou *durmir* e *bolir* ou *bulir*. E outro tanto entre *i* e pequeno, como *memória* ou *memórea*, *glória* ou *glórea*’ (...) E Rosa Virgínia conclui: “Essas informações ilustram um facto claro: o de que, na metalinguagem de hoje, nos contextos dos exemplos destacados pelo gramático, a oposição /o:/u/ e /e:/i/ se neutralizava.” Então, afirmo eu, porque não continuaria em progresso esta neutralização que se faz no sentido da redução e que, no português europeu, leva até à supressão? Assim poderemos ambas inferir, passo a passo, algumas das diferenças entre as nossas variedades, vendo a gênese dessas diferenças no gramático de que ambas somos fãs.

Diversamente de muitos estudiosos da história da língua, Rosa Virgínia descreve a morfologia e a sintaxe do Português Arcaico com a segurança que lhe advém da análise do *corpus* do século XIV tratado nas *Estruturas Trecentistas*. A sua descrição é cuidadosa e extensa, com opções pessoais para a organização do tratamento das subáreas. O interesse que merece o comportamento da vogal temática no sistema verbal do Português leva-me a recomendar o estudo desta parte da morfologia da obra de Rosa Virgínia. Não esqueçamos que a presença da vogal temática e os seus efeitos na conjugação verbal do Português – evidenciada em pares como *devo/deve*, *durmo/dorme* – é um dos aspetos comuns a todas as variedades do Português, uma das marcas de pertença à língua portuguesa.

E também, um forte sentido de cidadania

A presença de Rosa Virgínia na Universidade de Brasília não foi um acaso ou um momento isolado da sua vida. Os colegas com quem partilhou essa experiência queriam, como ela, um ensino livre e dirigido para todos. Rosa Virgínia manteve esta postura.

Todos, na sua terra de nascimento e de eleição, são os índios que lá estavam quando os portugueses aportaram. E foi por isso que surgiram os *Sete Estudos sobre o Português Kamayurá*, um trabalho conjunto de um pequeno grupo de pessoas que, em 1969, desejava estender esse

projeto “a outros grupos indígenas do Xingu e até (...) a outras áreas culturais”. Isso afirma Rosa Virgínia no prefácio dos *Sete Estudos*, em 1982.

Todos são, para a Rosa, os alunos que provêm de classes sociais profundamente diferentes entre si e que, por um lado têm que ser respeitados no uso quotidiano da língua materna, mas por outro, têm o direito de aprender a norma que lhes permite uma desejável ascensão social. Na realidade, “o português são dois”, como dizia Carlos Drummond de Andrade, mas nunca o disse com tanto fundamento como o repetiu Rosa Virgínia.

E todos são, ainda, os autores e leitores de uma revista, a *Revista Internacional de Língua Portuguesa* (RILP) que durante vários anos construímos em colaboração – a única revista que regularmente integrava igual número de trabalhos provindos de Portugal e do Brasil, e aqui coligidos e enviados pela Rosa na convicção de que vale a pena espalhar junto de outros aquilo em que acreditamos.

Enfim, ficou quase tudo por dizer, mas o que disse abre um pouco as cortinas para uma sala repleta dos seus trabalhos sobre o Português. Um dia talvez me caiba falar do antes e do agora. Hoje é ao Professor Ataliba que compete esta segunda tarefa. E mesmo assim, não se dirá tudo o que desejaríamos a propósito da nossa amiga Rosa Virgínia. Porque, de tudo, o melhor é a amizade.

Referências

- MAIA, M.C. (1986) História do galego português; estado linguístico da Galiza e do noroeste da Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência ao galego moderno) Coimbra: I.N.I.C.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1971). *A mais antiga versão portuguesa dos “Quatro livros dos diálogos de São Gregório”*. Edição crítica com Introdução e Índice geral das palavras lexicais. São Paulo: Universidade de São Paulo, 4 v. Mimeo. Tese de Doutoramento. Inédita.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989). *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2006). *O Português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. S. Paulo: Editora Contexto.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2003). Em 1967, um encontro para sempre (evocação de uma amizade que se fez no estudo da Linguística). In Ivo Castro, Inês Duarte (orgs.) *Razões e Emoção. Miscelânea em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. V. II, pp. 403-414.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2002). Vitórias de *ter* sobre *haver* nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In R. V. Mattos e Silva & A. V. Lopes Machado Filho (orgs.) *O Português Quinhentista. Estudos linguísticos*. Salvador Bahia: EDUFBA/UEFS, pp. 119-142.

Epígrafe: “... das cousas naçem as palavras e não das palavras as cousas...”

(Fernão de Oliveira, *Grammatica*, cap. I, ls. 11-12))

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2004). “*O português são dois...*” [Carlos Drummond de Andrade] *Novas fronteiras, velhos problemas*. S. Paulo: Parábola Editorial.

Epígrafe: Alguns que escrevem livros acostumam fazer, nos princípios, prólogos de sua defesa, o que eu não fiz. E tenho esta razão: que me não quero queixar antes de ser ofendido.

(Fernão de Oliveira, *Gramática da linguagem portuguesa* (1536 [2001]: 153)).

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2006). Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas repensados. In S. A. Cardoso, J. Mota & R. V. Mattos e Silva (orgs.). *Quinhentos anos de história Linguística do Brasil*, Salvador, Bahia: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, p. 219-254.

Epígrafe: Flor do Lácio Sambódromo

Lusamérica latim em pó

(Caetano Veloso. *Velô/Língua*)

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2008). *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível* [Lass, 1997: 45] (2008). S. Paulo: Parábola Editorial.

(epígrafe: Os principais testemunhos para o passado linguístico mais remoto são os textos escritos: inscrições, manuscritos, livros impressos.

(R. Lass 1997: 44))

OLIVEIRA, Fernão de (1536) *Gramática da linguagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres & Carlos Assunção, com um estudo introdutório do Prof. Eugénio Coseriu. Lisboa: 2000.

PIEL, Joseph (1976). *Uma antiga latinidade vulgar galaica refletida no léxico comum e toponímico de Entre Douro e Minho e Galiza*. Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVII (1976).